



## Sobre Paolo Nardi

- 1940 Nascido em Bolonha, Itália, em 14 de maio de 1940.
- 1950 Mudou-se para o Brasil.
- 1956 Iniciou seus estudos de clarineta sob a orientação do Prof. Jayoleno dos Santos, em Niterói.
- 1963 Graduou-se em clarineta na Escola Nacional de Música, Universidade do Brasil (atualmente UFRJ).
- 1960 Iniciou os estudos de oboé sob a orientação do Prof. Nelson Hack, na Academia de Música Lorenzo Fernandez.
- 1963–1966 Atuou como oboísta principal na Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.
- Foi fundador e membro de renomados grupos de câmara tais como o Quinteto Villa-Lobos, o Trio Villa-Lobos e o Collegium Musicum.
- 1966–1967 Em Milão, Itália, recebeu o diploma de oboé pelo Conservatório G. Verdi. Foi aprovado em concurso para as vagas de primeiro oboé em Turim e Bolonha.
- May 1967 Retornou ao Rio de Janeiro.
- 1967–1971 Reassumiu seu antigo cargo de oboísta principal na Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.
- Fundou os ensembles Ars Barroca, Sexteto do Rio e o Trio de Palhetas; Integrou o Quinteto de Sopros da Rádio MEC e a Orquestra de Câmara da Rádio MEC.
- 1972 Retornou à Itália.
- 1972–1996 Foi oboísta principal da Orquestra do «Maggio Musicale Fiorentino» em Florença, Itália. Foi fundador e membro de vários grupos de música de câmara como trios, quintetos e sextetos, além de um grupo barroco que existiu por 20 anos.
- 1975–1993 Foi professor de oboé no Instituto Musical A. Peri da Reggia Emilia.

# Introdução

**E**stive mais uma vez com Paolo Nardi e Anita Garriot em Fiesole, na Toscana, durante a exposição da Püchner no Festival de Palhetas Duplas, no verão de 2015. Esse reencontro acabou sendo um daqueles caros momentos em que somos capazes de retomar nossas antigas amizades como se tivéssemos nos despedido no dia anterior, quando, de fato, não nos víamos há muitos anos.

Nossa amizade começou nos anos 1980, quando estivemos juntos na mágica Assisi para a «Festa Musica Pro», evento que se realiza anualmente. A Püchner costumava expor seus fagotes e oboés no Palazzo dei Priori, construção medieval onde fagotistas e oboístas de toda a Itália nos visitavam. Durante esse festival, assistimos a fabulosos concertos com intérpretes como Lothar Koch entre tantos outros; conhecemos Mordechai Rechtman e testemunhamos o último concerto de Arthur Rubinstein, no qual interpretou Schumann.

Em nossa estada, era possível começar cedo o dia com uma visita matinal à Basílica de São Francisco guiada por Paolo e Anita, ambos conhecedores de arte de padrão profissional. Após os eventos diurnos, saboreávamos deliciosas refeições no «La Stalla» ou no «La Palotta», seguidas de uma caminhada até Rocca Maggiore no fim da noite ou de um drink na praça, depois do concerto. Esses dias eram realmente os momentos mais esperados do ano!

Apesar de ter sido, em sua carreira na juventude, uma figura central nos eventos relacionados aos instrumentos de madeira no Rio de Janeiro, cidade que vivia um momento de grande ebulição cultural e musical, Paolo nunca se apresenta como tal. Permaneceu o mais humilde e sério dos músicos, preocupado unicamente em dedicar-se à música com devoção e amor.

A realização do Festival Internacional de Fagote UFRJ-USP nos apresentou o ensejo de publicar esse interessantíssimo relato de suas experiências no Brasil.

*Gabi Nilsson-Püchner, Nauheim  
novembro de 2015*

## Catalisador de obras únicas para as madeiras

O Quinteto Villa-Lobos e o Sexteto do Rio de Janeiro serviram evidentemente para catalisar a inspiração de compositores como Mignone e José Siqueira entre outros. A amizade entre esses autores e os membros do sexteto resultaram em composições únicas para as madeiras, que se encontram listadas abaixo.

### Obras de Francisco Mignone

*Invenção*, duo para oboé e clarinete (1968)

*Impossible Lullaby* para oboé e fagote (1968)

*Invenção* para clarinete e fagote (1961)

*Passacaglia* para clarinete e fagote (1968)

*Sonatina* para fagote solo dedicada a Noel Devos

*Sonata* para flauta e oboé (1969–1970)

*Trio* (Non nova sed nove – Multa paucis – Ultima forsan) para oboé, clarinete e fagote (1967)

*Quatro Sinfonias* para oboé, clarinete e fagote (1968)

*Seresta* para flauta, oboé, clarinete e fagote (1951-68)

*A Bahianinha* para flauta, oboé, clarinete e fagote (1968)

*Sexteto para flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa e piano* (1971)

### Obras de José Siqueira

*Concertino para oboé e orquestra de câmara* (30 de novembro de 1969), dedicado a Paolo Nardi

*Três invenções* para oboé, clarinete e fagote (1968)

*Três invenções* para flauta, clarinete e fagote (1968)

*Três invenções* para flauta, oboé e clarinete

*Três invenções* para flauta, clarinete e fagote (1968)

*Três Estudos* para oboé e piano (DVFM-Leipzig), de 1968, com dedicatória de José Siqueira a Paolo Nardi

*Cinco Invenções* para duas flautas

*Cinco Invenções* para dois clarinetes

*Cinco Invenções* para dois oboés

*Cinco Invenções* para dois fagotes (1967)

*Duas Invenções* para flauta e oboé

*Duas Invenções* para flauta e clarinete

*Duas Invenções* para flauta e fagote

*Duas Invenções* para oboé e clarinete

*Duas Invenções* para clarinete e fagote (1971)

*Brincadeira a Cinco* para quinteto de sopros (1961)

*Sonatina* para oboé e piano (1978)



Quinteto Villa-Lobos com o flautista Celso Woltzenlogel, o fagotista Ayrton Barbosa, o oboísta Paolo Nardi, o clarinetista José Botelho e o trompista Carlos G. de Oliveira

## De Bolonha ao Rio de Janeiro

Nasci em 14 de maio de 1940, no mesmo dia em que meu pai e meu irmão mais velho, em Bolonha, onde passei meus primeiros dez anos de vida imerso no ambiente artístico de uma cidade com incontáveis obras-primas de arte e arquitetura. Meu pai, Antonio Maria Nardi, foi um prolífico pintor de seu tempo, o que fez com que eu estivesse sempre cercado de esboços, pinturas, livros ilustrados e seus imensos projetos para afrescos a serem feitos em dúzias de igrejas na Itália e em todo o mundo. De fato, bem próximo de nossa casa estava situada a Igreja de Sant'Antonio, cujos afrescos foram todos pintados por meu pai na década de 1930.

Em 1949, meu pai foi chamado ao Rio para pintar os afrescos de algumas igrejas. Após dois anos, havendo percebido quanto trabalho ainda havia a ser feito naquela cidade, minha família inteira, incluindo minha mãe e quatro irmãos mais velhos, mudou-se para o Rio, em novembro de 1950. Aos dez anos, vi-me em um país estrangeiro, com uma nova língua para aprender e todo um mundo de novos sons e curiosidades.

Mostrando evidente talento musical, comecei a estudar clarinete em 1956, no Conservatório de Música de Niterói, sob a orientação do Prof. Jayoleno dos Santos, clarinetista principal da Orquestra Sinfônica Brasileira e professor da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil (atualmente chamada de Universidade Federal do Rio de Janeiro). Posteriormente, em 1959, transferi-me para o Rio de Janeiro para prosseguir meus estudos com o Prof. Jayoleno e recebi meu diploma em clarinete, com distinção, em 1963. Durante esses anos (1958–1961), fui solista em concertos para clarineta e orquestra com a Orquestra Sinfônica Brasileira nos Concertos para a Juventude. Além do repertório clássico, também tocava os coloridos choros, música popular do Brasil, com um ensemble típico desse gênero musical, que consistia de dois violões, um cavaquinho e um percussionista.

# O Quinteto Villa-Lobos e o Movimento Musical Renovador

Senti, todavia, que faltava algo! Bach e Händel não faziam parte do repertório para clarinete! Extremamente seduzido pela música desses mestres e pelos importantes e belíssimos solos de oboé na música barroca, em 1960, iniciei meus estudos de oboé com o Prof. Nelson Hack, regente de orquestra e oboísta na Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que havia estudado com Leandro Serafin, do Teatro Alla Scala de Milão. Em 1964, fui aprovado com notas máximas e recebi meu Diploma em Oboé pela Academia de Música Lorenzo Fernandez, no Rio.

De 1961–1965, participei de vários projetos empolgantes como solista e colaborador de vários grupos de câmara no Brasil. Em 1961, fundei um quinteto com o flautista Celso Woltzenlogel, o clarinetista Wilfried Berk, o trompista Carlos

G. de Oliveira e o fagotista Ayrton Barbosa. Esse grupo logo viria a se chamar Quinteto Villa-Lobos, nome sugerido pela viúva do compositor, Arminda Villa-Lobos, diretora do Museu Villa-Lobos naquele tempo. Muitos compositores brasileiros daquela época nos dedicaram obras: José Siqueira, Osvaldo Lacerda, Brenno Blauth e Raphael Baptista. O Quinteto Villa-Lobos fez várias primeiras audições dessas peças como parte do Movimento Musical Renovador.



Quinteto Villa-Lobos em 1965

# Caravana da Cultura

Em abril de 1963, fui nomeado oboísta principal da Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. No mesmo ano, interpretei o Concerto para oboé e orquestra, de Haydn, à frente da Orquestra da Rádio Nacional do Rio de Janeiro sob a regência de Nelson Hack, apresentação que foi transmitida ao vivo.

Em 1964, o Quinteto Villa-Lobos participou de uma longa turnê, dentro de um projeto intitulado Caravana da Cultura, pelo qual se apresentou em vários estados do Brasil, oferecendo dois concertos diários. A Caravana dedicava algumas de suas apresentações a crianças em idade escolar, oferecendo-lhes atividades como teatro, ginástica, ópera, canto coral, poesia, pintura e dança. Havia

250 pessoas envolvidas nessa caravana e a turnê durou um mês inteiro.

Ainda no mesmo ano, apenas dois meses depois, o Ministério de Relações Exteriores organizou uma turnê sul americana para o Quinteto Villa-Lobos. Apresentamo-nos em várias cidades no Paraguai, Chile, Argentina e Uruguai. Durante a viagem, tivemos um encontro inesquecível com o compositor argentino Alberto Ginastera, que nos recebeu em sua casa. Quando mencionamos que gostaríamos que nos dedicasse um quinteto, ele respondeu que tal ideia já estava em seus planos. Outro momento memorável ocorreu em Santiago do Chile, quando visitamos a casa de Pablo Neruda.

No início dos anos 1960, mais especificamente de 1963-5, atuei tanto como clarinetista quanto como oboísta do Collegium Musicum da Rádio MEC, no Rio de Janeiro. Com esse grupo gravei três LPs solo para o selo CBS e participei de inúmeros programas de rádio e televisão.

## Apresentações na casa noturna ZUM-ZUM

Em 1965, o Quinteto Villa-Lobos começou a tocar em uma casa noturna em Copacabana, chamada ZUM-ZUM. Lá interpretávamos obras de Hindemith, Bozza, Ibert e R. Baptista como parte de um show de uma hora, que dividíamos com o cantor e compositor Edu Lobo e com a cantora Nara Leão. Esses artistas eram acompanhados pelo Trio Tamba (piano, contrabaixo acústico e percussão). Nosso primeiro contrato foi firmado para duas semanas, porém o show foi tão bem sucedido que foi estendido por mais dois meses e, posteriormente, por mais dois meses e meio. A apresentação se iniciava após a meia-noite, quando os clientes já haviam concluído o jantar. As luzes se apagavam e as primeiras notas emergiam da trompa, anunciando o início de «Variações sobre um tema livre», de Bozza. A essa obra se seguiam canções da bossa nova daqueles anos. O programa continuava com o «Quinteto de sopros» de Hindemith, seguido pelo Trio Tamba com canções e obras instrumentais da música popular. Dessa maneira íamos alternando por uma hora sem interrupção. Logo após as primeiras



«A Invasão da Noite», Quinteto Villa-Lobos na ZUM-ZUM

noites desse show experimental, o público cresceu notavelmente e passou a incluir entusiastas da música clássica, regentes orquestrais e vários compositores, além dos frequentadores habituais de casas noturnas. O sucesso e a popularidade da iniciativa foram tais que o show acabou ficando em cartaz por quatro meses e meio, acontecendo todas as noites com a exceção de segunda-feira. Relembrando esses episódios, é admirável observar como conseguíamos nos manter despertos e concentrados nos ensaios orquestrais das manhãs seguintes aos shows, mesmo porque, em muitas ocasiões, já havíamos tocado um concerto no Teatro Municipal, antes de iniciar a apresentação na ZUM-ZUM.



José Botelho, clarineta,  
Noel Devos, fagote  
e Paolo Nardi, oboé

## Trio de Palhetas

**A** Semana Villa-Lobos acontecia anualmente, sempre em novembro, organizada pelo Museu Villa-Lobos. Para o evento vinham intérpretes e grupos de todos os tipos para celebrar a música desse compositor: quartetos de cordas, pianistas, todas as combinações de instrumentos de sopro, cantores etc. Participei desse evento de 1965 a 1971, apresentando obras desse excepcional compositor, algumas delas em sua primeira audição brasileira ou mundial.

Especialmente memorável foi a estreia brasileira do Trio para oboé, clarinete e fagote, de Villa-Lobos, em 1965, ao lado do clarinetista José Botelho e do fagotista Noel Devos. Escrita em 1925, essa obra demoraria 40 anos para ter sua primeira audição no Brasil. Um renomado músico inglês havia declarado a composição impossível de ser tocada devido à polirritmia nas três partes e à dificuldade técnica de cada parte individual. O crítico musical Guy Playfair chamou-a de «a música do fundo da alma do Brasil, em seu estado mais puro e original.»

Durante as Semanas Villa-Lobos, gravamos quatro LPs com boa parte da obra de Villa-Lobos (Duo, Trio, Quarteto, Quinteto e Septeto). Participavam desse evento em variados programas, as duas principais orquestras do Rio de Janeiro, nas quais eu atuava como primeiro oboísta. Falando do *Quarteto*, nossas performances no Rio, no Teatro Municipal,

e novamente em Santiago do Chile, causaram uma onda de entusiasmo no público, provavelmente estimulada pelo caráter eminentemente brasileiro da obra.

Em 1966, retornei à Itália atuando como solista com vários grupos e orquestras italianas. Depois desse intervalo, regressei ao Brasil, em 1967, visando a retomar meu cargo de principal oboísta no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Ainda que minha vaga não houvesse sido preenchida em minha ausência, precisei passar por novo concurso nacional para reingressar na orquestra. Depois de conquistar novamente minha antiga posição, passei a me envolver em numerosos grupos, em diversas áreas da interpretação. Um dos pontos altos da atividade desse período foi a performance do *Concerto para oboé e orquestra*, de Richard Strauss, à frente da Orquestra Sinfônica Nacional sob a regência de Alceo Bocchino, na qual atuei como oboísta principal de 1967 a 1970.

De 1968 a 1971, integrei o Quinteto de Sopros da Rádio MEC. Gravamos dois LPs além de dar concertos públicos e participar de dois programas mensais de rádio. Nesses anos, atuei como solista da Orquestra de Câmara da Rádio MEC interpretando Concertos de Vivaldi, Telemann, Haydn e Salieri, sendo várias dessas apresentações transmitidas ao vivo pela TV. Durante esse período, também tive a oportunidade de tocar minhas amadas obras de Bach como oboísta solista no Ciclo Bach, sob a regência de Karl Richter.

# Estreia mundial do Duo para oboé e fagote de Villa-Lobos

O *Duo para oboé e fagote*, escrito em 1957, foi mundialmente estreado apenas em 1967 por mim e Noel Devos, na Sala Cecília Meireles. Essa obra, gravada pelo selo Rio Som-Classice é uma composição bastante desafiadora por sua duração considerável (17 minutos) e pelos vários tipos de dificuldades técnicas que apresenta. Entretanto, a peça permanece sempre dentro das fronteiras da música tradicional e tornou-se parte do repertório internacional para madeiras.

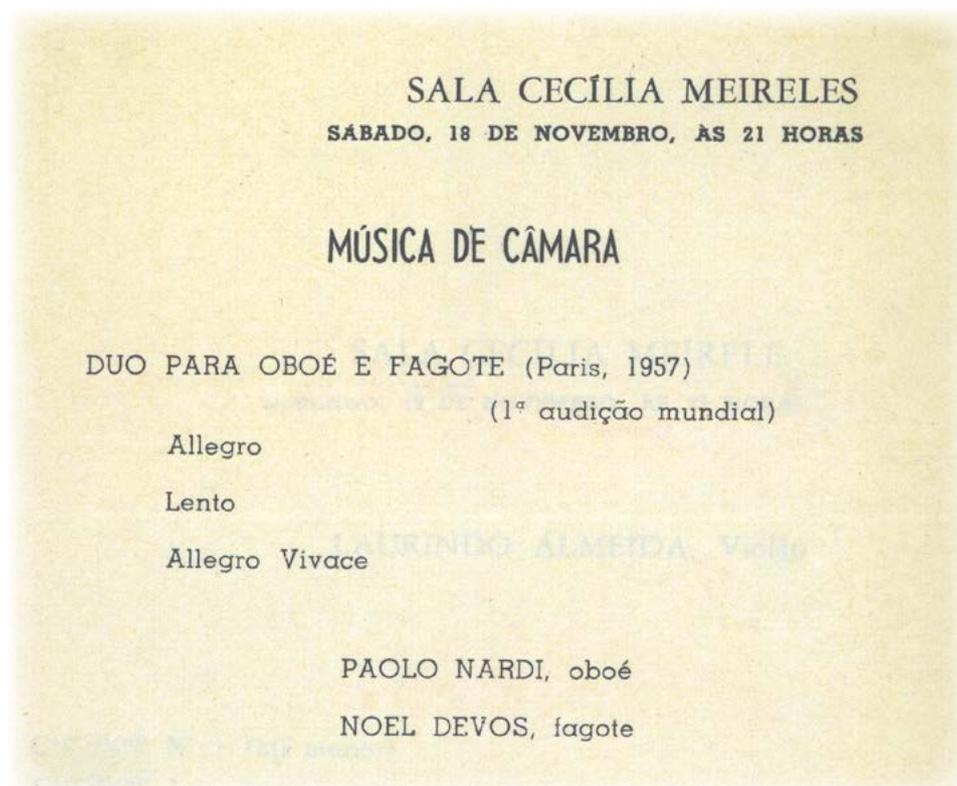
De 1970 a 1971, fui o oboísta solista da Orquestra de Câmara do Brasil, regida pelo compositor José Siqueira, à frente da qual pude tocar inúmeros concertos como solista. Entre eles, cabe ressaltar a estreia mundial do *Concertino para oboé e cordas*, de Siqueira, que me foi dedicado. Na mesma época, solei o *Concerto para oboé e orquestra* de Strauss com a Orquestra do Teatro Municipal do Rio, sob a regência de Mário Tavares, e, no ano seguinte, acompanhado pelo mesmo grupo, o *Concerto para oboé e orquestra* de Mozart.

meio programa, pelo violoncelista Peter Dausenberg e pianista Moacyr Liserre, deixou de sê-lo. Mas já as outras três partituras serviriam, a quem se iniciasse no universo villa-lobiano através do presente Festival, para dar um começo de idéia da estonteante diversidade de recursos do mestre, e da prodigalidade da sua inspiração.

De fluência sempre sedutora de escritura, o *Duo para oboé e fagote* (Paris, 1957), em primeira audição mundial, abriu o programa, com seus três movimentos — **Allegro, Lento, Allegro Vivace**. A execução, felizmente, foi gravada, como são todos os concertos na Sala Cecília Meireles. E mereceria ser transposta para o disco, tal a perfeição, a impecabilidade do duo, a serena mestria com que executaram suas difíceis partes o oboísta Paolo Nardi e o fagotista Noel Devos, cujo perfeito entendimento serve de modelo a realizações do gênero. No final, sobre aglímicos traços do fagote de Devos cantava o oboé de Nardi.

Faz parte do disco que será lançado amanhã, às 17h, no Palácio da Cultura, pela violinista Mariuccia Iacovino e o pianista Arnaldo Estrêla, a terceira Sonata que executaram sábado, a qual, embora caia de 1920, quando muitas composições de Villa-Lobos já vinham animadas de forte significação nacionalista, tem, como as duas Sonatas-Fantasia, sentido universalista, revelando afini-

Correio da Manhã, Novembro, 21, 1967, Eurico Nogueira França



Estreia mundial do Duo de Villa-Lobos, com Paolo Nardi ao oboé e Noel Devos ao fagote, em 18 de novembro de 1967

# Sexteto do Rio de Janeiro

Ao mesmo tempo em que tudo isso acontecia, em 1970, o Sexteto do Rio de Janeiro era fundado, formado por Celso Woltzenlogel (flauta), por mim, Paolo Nardi (oboé), José Botelho (clarinete), Noel Devos (fagote), Zdenek Svab (trompa) e Heitor Alimonda (piano). Muitas peças de compositores brasileiros, como Francisco Mignone e José Siqueira, foram escritas especialmente para nosso ensemble em todas as formações possíveis (de duos a sextetos), as quais interpretávamos em suas primeiras audições. As composições eram geralmente atonais, com elementos brasileiros, no estilo típico daqueles anos. A relação de amizade que esses compositores tinham conosco, especialmente com Noel Devos, gerava um grande estímulo para a criação de novas obras para sopros.

Em 1971, o Sexteto realizou uma turnê por várias cidades brasileiras, patrocinada pelo U.S.I.S. (United States Information Service), na qual interpretamos diversas obras de compositores norte-americanos.

## Mignone dá sexteto na Sala Cecília

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

Se tivéssemos de propor alguns dos raros índices que atestam o desenvolvimento indiscutível das manifestações musicais brasileiras estaria entre eles o Sexteto do Rio, que ontem à noite, com programa eclético, em que figuraram três primeiras audições, voltou a exibir-se na Sala Cecília Meireles. Sobre a base do piano de Heitor Alimonda, esse conjunto que afirma, em nível alto, sua qualidade homogênea, é conquista recente. Não há muito, haveria problemas para se estabelecer um agrupamento conveniente de sopros. No Sexteto, a flauta de Celso Woltzenlogel, o oboé de Paolo Nardi, a clarineta de José Botelho, e o fagote de Noel Devos, são de primeira ordem. Mais difícil ainda seria encontrar uma trompa camarista. E a de Zdenek Svab é excelente.

Com a existência do grupo, todo um repertório novo pode oferecer-se ao público. Mais ainda, a criação é estimulada, exemplo que ontem tivemos, no Sexteto n.º 2, de Francisco Mignone, dedicado ao conjunto executante, em primeira audição mundial. Na diversidade das composições apresentadas, a de Francisco Mignone é que tem mais selva. E isso ocorre em um mestre brasileiro

da forma. O Quinteto em mi bemol maior, de Mozart, K. 452, completou o programa, vivamente aplaudido.

Mignone dá Sexteto na Sala Cecília



GOVÉRNO DO ESTADO DA GUANABARA  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

## SALA CECILIA MEIRELES

### PROGRAMA

GORDON JACOB

Sextet (1ª audição no Brasil)

- I - Elegiac Prelude
- II - Scherzo
- III - Cortège
- IV - Minuet and Trio
- V - Rondo with Epilogue

FRANCISCO MIGNONE

Sexteto n.º 2 (Dedicado ao Sexteto do Rio)  
1ª audição mundial

### Intervalo

W. A. MOZART

Quinteto em Mi Bemol Maior, K. 452

- I - Adagio-Allegro moderato
- II - Larghetto
- III - Rondo (Allegretto)

WALLINGFORD RIEGGER

Concerto for Piano and Woodwind, Quintet  
Op. 53 (1ª audição no Brasil)

- I - Allegro
- II - Andante
- III - Allegro Molto

Integrantes :

CELSE WOLTZENLOGEL, flauta  
PAOLO NARDI, oboé  
JOSÉ BOTELHO, clarinetista  
NOEL DEVOS, fagote  
ZDENER SVAB, trompa  
HEITOR ALIMONDA, piano

Estreia mundial do Sexteto de Mignone, em 1971

# Mestres atualizados

Atonal, mas sem sentido polêmico, a obra com que Nardi e Woltzenlogel abriram o programa de ontem permitiu reconhecer logo, no **Preludiando**, a personalidade de Francisco Mignone, a sua linguagem renovada nos últimos anos, tão familiar para os admiradores das suas Missas e de sua recente produção camarística. Concebidos nos moldes tradicionais, os três movimentos da **Sonata**, evidentemente trabalhada com amor pelos seus primeiros intérpretes, serviram para estabelecer o equilíbrio tímbrico e dinâmico, que parecia impossível, entre a flauta de Celso e o oboé de Paolo. As duas vezes desenvolveram-se com fluência, ora em diálogos harmoniosos, ora em ambientes opostos, a polifonia latente das linhas melódicas exercendo todo o seu poder de sedução. O maestro Armando Krieger dirigiu depois a primeira audição de **A 13**, de Hector Tosar, um compositor que domina perfeitamente o seu *métier* e que incorporou com naturalidade à sua linguagem algumas conquistas dos chamados (até há poucos anos) **vanguardistas**. Do ponto de vista artesanal, a organização das 13 presenças sonoras no palco funciona muito bem e, musicalmente, a obra oferece inúmeros atrativos. É rica em acontecimentos, variada, viva, lógica. O uso do pontilhismo, a recorrência de ritmos e de complexos sonoros, a fragmentação

## PROGRAMA

**Compositores convidados:** Sonata para flauta e oboé, de Francisco Mignone; **A 13**, de Hector Tosar; **Agrupamento em dez**, de Santoro.

**Concorrentes:** Pequeno Tríptico, de Maranzano (Estrêla, Grupo de Percussão da OSTM e Armando Krieger, regendo ao piano), e **Missa Breve**, de Aylton Escobar (Morelenbaum).

do material entre os diversos instrumentistas, a exploração de timbres, tudo obedece a uma forte vontade artística.

A obra mais interessante do programa foi, porém, o **Agrupamento em dez**, de Cláudio Santoro escreveu dois anos por encomenda à Sala Cecilia Meireles e dedicou ao professor Ayres Andrade. Aleatória, mas com parâmetros estreitos, prudentes, o **Agrupamento**, mais clássico da criação musical do nosso tempo, não tem o momento de aridez. As suas estruturas modernas, os seus recursos atualizados transportam uma carga de sensibilidade irresistível. Naquele contrastes de sombras e luz violentas, naquele serialismo livre há uma força lírica poderosa. O maestro Krieger

animou a partitura com o sopro de vida que identifica os grandes intérpretes, que os confunde com os próprios criadores, e a obra foi projetada, nessa primeira audição mundial, em toda a sua maravilhosa dimensão. A voz doce, envolvente de Maria Lúcia Godoy, utilizada de maneira bastante expressiva pelo compositor, mas sem concessões, sem expansões autobiográficas, humanizava o som dos instrumentos em que se refletia. Foram dez minutos de grande arte.

As duas obras concorrentes, apresentadas em segundas audições, progrediram em sentidos opostos: o **Pequeno Tríptico**, inteligente-

Música de Câmara  
1º Concerto Final

Sala Cecilia Meireles  
Segunda-feira, 18 de maio de 1970 — 21 hs.

## Compositores Convidados

Francisco Mignone (Brasil)  
**Sonata para flauta e oboé**  
Primeira audição mundial  
Obra comissionada pelo II FMGB  
Vivo, quase preludiando — Quase ária — Allegro  
Flauta: Celso Woltzenlogel  
Oboé: Paolo Nardi

## De volta à Itália

Inicialmente planejada como uma simples visita a meus pais em Bolonha, nos meses de férias brasileiras de 1972, minha viagem acabou se tornando um retorno definitivo a minha terra natal. Após ter sido contratado como oboísta solista do Teatro Carlo Felice de Gênova, fui nomeado oboísta principal da Orquestra do Maggio Fiorentino do Teatro Comunale de Florença. Atuando sob a regência de Riccardo Muti e de seu sucessor, Zubin

Mehta, mantive-me nesse cargo durante 24 anos até minha aposentadoria, em 1996. Quando Gabi Nilsson-Püchner me pediu para escrever sobre minha experiência como músico no Rio de Janeiro, nessa época musicalmente tão arrebatadora e vibrante, passei a remexer minhas velhas críticas e fotos. Escrever esse texto e vasculhar esses documentos me fizeram reviver esses anos fascinantes. Espero que gostem de minhas memórias...

## Discografia

Gravações realizadas nos anos 1960 e 1970

### Villa-Lobos Trios

*Trio para oboé, clarinete e fagote* (1925), interpretado por Paolo Nardi, José Botelho, e Noel Devos entre outras obras.

Gravação promovida pelo Museu Villa-Lobos e realizada na Sala Cecília Meireles, por Frank Justo Acker para a Philotsom Gravações Ltda.

### Villa-Lobos: Duos

Classic of Riosom, RSCL 4.008

Esse registro foi realizado para o Festival Villa-Lobos de 1968 e contém o *Duo para oboé e fagote* (1957), interpretado por Paolo Nardi e Noel Devos, e as *Bachianas n. 6 para flauta e fagote*, com Jean Noel Saghaard e Noel Devos.

### Quinteto de Sopro da Rádio Ministério da Educação e Cultura

(pelo Serviço de Radiodifusão Educativa)

Lenir Siqueira, flauta – Paolo Nardi, oboé – José Botelho, clarinete – Jairo Ribeiro, trompa – Noel Devos, fagote

Villa-Lobos, *Quarteto para flauta, oboé, clarinete e fagote*;

Francisco Mignone, *Sonata a 3 para oboé, clarinete e fagote*;

Lorenzo Fernandez, *Suíte para quinteto de sopros*;

Raphael Baptista, *Instantâneos Folclóricos No. 2 para quinteto de sopros*;

José C. Das Neves, *Invenção (choro) para clarinete e fagote*

### Quinteto de Sopro da Radio Minsterio da Educação e Cultura

Lenir Siqueira, flauta – Paolo Nardi, oboé – José Botelho, clarinete – Jairo Ribeiro, trompa – Noel Devos, fagote

Paul Hindemith, *Kleine Kammermusik Op. 24, No.2*;

W.A. Mozart, *Divertimento No. 13 KV. 253*;

H. Villa-Lobos, *Quinteto em forma de choros*;

Brenno Blauth, *Quinteto para sopros-T-18*

### Villa-Lobos / Camargo Guarnieri

Gravado por Frank Acker para a Discos Enir, na Sala Cecília Meireles.

Odette Ernest, flauta – Paolo Nardi, oboé – José Botelho, clarinete – Noel Devos, fagote – Sandoval de O. Dias, saxofone, Giancarlo Pareschi, violino – Peter Dauelsberg, violoncelo – José C. das Neves, tam tam – regência de Mário Tavares

Villa Lobos, *Choros No. 3 e 7 (Settimino)* (1924) e *Fantasia Concertante* na interpretação de Noel Devos e José Botelho;

Camargo Guarnieri, *Homenagem a Villa-Lobos*

### Documentos da Música Brasileira, V. 16

Selo Funarte Promemus, gravações da Rádio MEC realizadas entre 1958–1975.

Osvaldo Lacerda, *Duo para clarinete e fagote* na interpretação Paolo Nardi e Noel Devos, gravado em 1962

Brenno Blauth, *Sonata para flauta e piano*, com Ari Ferreira à flauta e Alceo Bocchino ao piano;

José Guerra Vicente, *Sonata para clarinete e piano* interpretada por Jayoleno dos Santos (professor de Paolo Nardi) e Velma Richter ao piano.

### Ars Barroca

Selo CBS Masterworks, 1971

Celso Woltzenlogel, flauta – Paolo Nardi, oboé – A. Guerra Vicente, violoncelo – Heitor Alimonda, cravo